

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

ISSN 2177-3688

ADELAIDE HASSE NO CONTEXTO DA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

ADELAIDE HASSE IN THE BOOK CLASSIFICATION CONTEXT

Mariana Xavier de Oliveira - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Camila Monteiro de Barros - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Nos Estados Unidos, em um período em que documentos governamentais se juntavam ao acervo das bibliotecas públicas, Adelaide Hasse, então funcionária da *Los Angeles Public Library* (LAPL), desenvolveu um sistema de classificação para os documentos. Tal sistema foi aperfeiçoado durante o período de Adelaide no *United States Government Printing Office* (GPO). O objetivo do presente resumo é relatar brevemente o contexto dos sistemas de classificação no séc. XIX nos Estados Unidos, inserindo a atuação de Adelaide Hasse nesse contexto. As contribuições de Adelaide vão muito além das comentadas aqui e serão levantadas ao longo da pesquisa de mestrado ora em andamento, da qual apresentamos um pequeno extrato.

Palavras-chave: Classificação – História; Adelaide Hasse; Sistemas de Classificação Bibliográfica.

Abstract: In the United States, at a time when government documents were joining the collection of public libraries, Adelaide Hasse, then an employee of the Los Angeles Public Library (LAPL), developed a classification system for documents. Such a system was perfected during the Adelaide period in the United States Government Printing Office (GPO). This extended summary aims to briefly report the context of classification systems in the 20th century in the United States, inserting the performance of Adelaide Hasse in this context. Adelaide's contributions go far beyond those commented here and will be raised throughout the master's research now in progress, of which we present a small extract.

Keywords: Classification; Adelaide Hasse; Book Classification Systems.

1 INTRODUÇÃO

A classificação bibliográfica desempenhou um papel fundamental na organização e acesso ao conhecimento ao longo da história. No século XIX, um período marcado pelo crescimento exponencial das coleções de livros e documentos, tornou-se cada vez mais importante desenvolver sistemas eficientes de classificação que permitissem a localização e recuperação rápida de informações. No entanto, os sistemas de classificação antes de 1870 eram frequentemente baseados em ordens cronológicas, geográficas ou temáticas (SALES, 2017). Com o aumento das coleções e a necessidade de lidar com uma quantidade cada vez

maior de informações, ficou claro que novas abordagens eram necessárias para enfrentar esse desafio. Foi nesse contexto que Adelaide Hasse, uma bibliotecária pioneira e visionária, emergiu como uma figura central na evolução da classificação bibliográfica.

Nascida na cidade de Milwaukee no estado de Wisconsin nos Estados Unidos em 1868, Hasse começou sua carreira como bibliotecária em Los Angeles, numa época em que a profissão estava passando por mudanças significativas com a junção dos arquivos públicos aos sistemas de bibliotecas estadunidenses. Ela notou a necessidade de sistemas de classificação mais eficientes e começou a explorar maneiras de aprimorar e padronizar a classificação bibliográfica (BECK, 2006)

Por volta de 1890, enquanto atuava sob supervisão de Tessa Kelso na Los Angeles Public Library (LAPL), Hasse foi encarregada de organizar e disponibilizar documentos originados de órgãos governamentais, recém-chegados à instituição. Documentos esses que a classificação decimal de Dewey, utilizada na LAPL, não contemplava e que não faziam parte do acervo usual de uma biblioteca pública. A partir daí, Hasse se debruça nas questões de classificação tanto bibliográfica quanto documental.

Esse é o contexto em que a pesquisa de dissertação de mestrado, ora em andamento, está sendo desenvolvida. O objetivo geral da pesquisa de mestrado é apresentar as contribuições de Adelaide Hasse para a Biblioteconomia. O objetivo do presente resumo é relatar brevemente o contexto dos sistemas de classificação no séc. XIX nos Estados Unidos, inserindo a atuação de Adelaide Hasse nesse contexto. O trabalho vanguardista de Adelaide Hasse representa uma importante etapa na evolução da classificação bibliográfica e merece ser estudado e compreendido em sua totalidade.

2 DESENVOLVIMENTO DA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO SÉCULO XIX

O século XIX foi um período de significativo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos métodos de classificação bibliográfica. Durante esse período, surgiram diferentes sistemas de classificação que buscavam facilitar o acesso e a recuperação das informações contidas nos documentos.

De acordo com Dahlberg (1979), até o século XVIII, a classificação era tida apenas com o intuito de organizar as ideias ou materiais de uma forma sistemática e útil. No entanto, é no século XIX que surge, nos Estados Unidos, uma das classificações bibliográficas mais influentes da época e até hoje: o sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD), criado por Melvil

Dewey em 1876. No entanto, a CDD não foi o único sistema de classificação que surgiu no período. Jamdade *et al.* (2012) lista dezessete sistemas de classificação bibliográfica como os mais proeminentes, entre eles estão a *Subject Classification* de James Duff Brown (Reino Unido), a Classificação Decimal Universal de Paul Otlet e Henri LaFontaine (Bélgica) e a *Brunet Scheme* de Jean Charles Brunet (França). Este resumo tratará, no entanto, de apenas três daqueles surgidos entre 1801 e 1900, nos Estados Unidos da América. Local e tempo estes que situam o contexto no qual Adelaide Hasse estava inserida nos primórdios de sua atuação como bibliotecária. São eles: Classificação Decimal de Dewey (CDD), *Expansive Classification* (Cutter) e *Library of Congress Classification*.

A CDD baseava-se, segundo Piedade (1977), em um sistema numérico que atribuía números decimais aos diferentes assuntos, dividindo o conhecimento em dez classes principais e foi projetada para permitir a inclusão de novos conhecimentos à medida que surgiam.

O sistema de Classificação Decimal de Dewey foi um marco na história da organização do conhecimento, pois estabeleceu uma estrutura hierárquica que permitia a localização rápida de materiais em bibliotecas. Além disso, a CDD tornou-se um padrão abundantemente adotado em bibliotecas ao redor do mundo, impulsionando a padronização e a colaboração entre instituições (RANGANATHAN, 1951).

Sendo um sistema decimal, Segundo Dewey (1894), a CDD divide o conhecimento em nove classes principais e aquelas obras que não se encaixam em nenhuma das outras nove entram na classe “Obras Gerais”. As classes principais são separadas em divisões e estas, por sua vez, são separadas em seções e as especificidades são demonstradas dígito a dígito. As classes que dividem o conhecimento são: Filosofia, Religião, Ciências Sociais, Línguas, Ciências Naturais, Ciências Aplicadas, Artes, Literatura e História. A classe 5 Ciências Naturais, por exemplo, possui nove divisões: 510 Matemática, 520 Astronomia, 530 Física, 540 Química, 550 Geologia, 560 Paleontologia, 570 Biologia, 580 Botânica, 590 Zoologia. Caso seja necessário especificar mais, basta verificar as seções de cada uma das divisões. Assim sendo, supondo que o assunto do material seja “trigonometria”, verifica-se a classe 500 Ciências Naturais – 510 Matemática, 511 Aritmética – 512 Álgebra—513 Geometria – 514 Trigonometria.

A *Expansive Classification* ou Classificação de Cutter foi publicada em 1893, e segundo Barbosa (1969), não foi um sistema adotado em muitas bibliotecas apesar de ser bem-aceito em seu país, servindo de base para a *Library of Congress Classification*. Foi elaborada como

uma alternativa ao sistema de Dewey, uma vez que, ainda conforme a autora, Cutter não considerava a CDD capaz de se expandir o suficiente para agregar todos os assuntos e seus subtópicos. Cutter faleceu antes de finalizar o sistema e apesar de todos os esforços empregados, ele continua incompleto.

Ao contrário de Dewey, que utilizou notações numéricas, Cutter, de acordo com LaMontagne (1961), aceitando a sugestão do primeiro, decidiu utilizar notações alfanuméricas. As classes principais, no entanto, eram compostas exclusivamente de letras: A - *General works*, B - *Philosophy*, C - *Christianity and Judaism*, D - *Ecclesiastical History*, E - *Biography*, F - *History*, G - *Geography and Travels*, H - *Social Sciences*, I - *Demotics and Sociology*, J - *Civics and Political Science*, K - *Legislation*, L - *Sciences and Arts*, M - *Natural History*, N - *Botany*, O-P - *Zoology*, Q - *Medicine*, R - *Useful arts and Technology*, S - *Engineering*, T - *Fabricative Arts*, U - *Art of War*, V - *Athletic and Recreative Arts*, W - *Art and Fine Arts*, X - *English Language*, Y - *English and American Literature* e Z - *Book Arts*.

Outra classificação bibliográfica do século XIX foi o sistema de classificação desenvolvido pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, o *Library of Congress Classification* (LCC), idealizado entre o final do século e o início do século XX e como mencionado anteriormente, baseado na *Expansive Classification* de Cutter. O sistema da LCC classifica os materiais de acordo com áreas do conhecimento, atribuindo letras e números para representar os assuntos. Esse sistema é composto de 21 classes principais e tem se expandido constantemente desde então.

A *Library of Congress Classification* denomina suas classes de tabela. Cada tabela principal possui tabelas auxiliares. O sistema da LC diferencia-se do de Cutter em muitos pontos, no entanto, um ponto importante que se nota aqui é a preocupação em separar a História dos Estados Unidos e a História Mundial e agrupar Língua e Literatura. A notação da LCC, assim como a de Cutter, é alfanumérica. Uma letra representa o assunto principal e duas representam as subdivisões. Quando há necessidade de expansão e o número seguinte já está sendo utilizado por outro assunto, é utilizada a expansão decimal. A tabela principal é dividida da seguinte forma: A - Obras Gerais; B - Filosofia e Religião; C - História e Ciências Auxiliares; D - História Universal; E-F - História da América; G - Geografia, Antropologia e Folclore; H - Ciências Sociais; J - Ciência Política; K - Direito; L - Educação; M - Música; N - Belas Artes; P - Língua e Literatura; Q – Ciência; R - Medicina; S - Agricultura; T - Tecnologia; U - Ciência Militar; V - Ciência Naval; Z - Bibliografia e Biblioteconomia.

Vale destacar que, ainda que a Documentação já se encontrasse em desenvolvimento no séc. XIX na Europa, nos Estados Unidos as discussões e atividades referentes a acervos e informações para além das bibliotecas eram cobertas pela chamada “Biblioteconomia Especializada” (ORTEGA, 2009). Ortega (2009) também relata que o termo Documentação firma sua presença nos Estados Unidos somente a partir de 1950 e que, de fato, nunca foi um termo expressivo dentro do país. Nesse sentido, apesar das contribuições de Adelaide encontrarem alguma convergência com a Documentação, seu trabalho encontra-se fortemente associado às práticas da Biblioteconomia. O breve panorama dos principais sistemas utilizados nos Estados Unidos no séc. XIX mostra o foco em classificações apoiadas na divisão do conhecimento por disciplinas, que se distancia substancialmente das classificações pertinentes a documentos governamentais.

3 ADELAIDE HASSE

Conforme relatado por Beck (2006), uma jovem nascida em uma pequena cidade, que ambicionava completar o ensino superior, mas por ser a filha mais velha de uma família de poucos meios, encontrou na biblioteca pública da cidade em que vivia, uma possibilidade. Adelaide trabalhou sob responsabilidade de Tessa Kelso, outra grande figura da biblioteconomia estadunidense, aprendeu, evoluiu e se politizou. Foi acusada de sufrágio em uma época em que uma acusação dessas era suficiente para acabar com a reputação de uma mulher. E, apesar da pouca idade, assumiu responsabilidades que condiziam com o nível de confiança que sua supervisora tinha nela.

Segundo Beck (2006), durante o período entre 1889 e 1895, Adelaide Hasse trabalhou na *Los Angeles Public Library* (LAPL) e foi evoluindo na instituição de acordo com o desempenho que entregava. Iniciou assistindo Tessa Kelso, que além de mentora, tornou-se amiga pessoal de Hasse. Durante os primeiros anos de Adelaide na instituição, Kelso já se deparava com um determinado volume de documentos públicos. Segundo Nelson e Richardson (1986), isso só se tornou um problema expressivo quando a LAPL se tornou um repositório de documentos emitidos pelas três esferas governamentais direcionados à cidade de Los Angeles.

No relatório anual de 1891, documento este que relatava o desempenho dos funcionários da instituição, Hasse foi mencionada apontando seu “excelente serviço na notação e classificação de Documentos Governamentais num plano original para tornar os

seus conteúdos facilmente acessíveis ao público” (BECK, 2006, tradução nossa). É desconhecido o sistema completo de classificação desenvolvido por Adelaide na LAPL, só se tem acesso ao *checklist* que ela utilizava, que é extremamente similar ao sistema mais tarde aperfeiçoado durante seu período no *U.S Government Printing Office* (GPO).

No ano de 1895, Hasse deixou a LAPL e aceitou uma vaga no GPO. Foi durante esse período que a classificação criada por ela para os documentos públicos emitidos pelo departamento de agricultura foi oficialmente publicada. Hasse foi contratada sob supervisão do então Superintendente de Documentos, Francis Crandall e que partilhava do interesse dela em documentos. (NELSON; RICHARDSON, 1986).

Adelaide assumiu o emprego apenas quatro meses após a promulgação da legislação que centralizava os documentos emitidos pelo governo federal ao departamento de documentos no GPO e, mais uma vez, Hasse se viu em uma organização que precisava se reestruturar. O departamento precisava compilar e publicar um Índice compreensivo (*Document Catalogue*) de publicações do governo federal, um Índice consolidado (*Document Index*) de publicações do congresso e um catálogo mensal de divulgação de novos documentos inseridos no sistema (BECK, 2006)

Em 1896, foi publicado o *List of publications of the U.S department of agriculture from 1841 to june 30th 1895, inclusive*, que contava com uma *Letter of Transmittal* de William Parker Cutter, na qual ele explicava como e por quem a lista foi compilada e um *Compiler's Preface*, no qual Hasse afirma que não existia a pretensão de perfeição, visto que era apenas um *checklist* para bibliotecários que se vissem obrigados a lidar com a documentação mencionada pela publicação. De acordo com Nelson e Richardson (1986), Adelaide utilizou o princípio de proveniência, agrupando os documentos por departamento e subdivisões, e por forma. Os autores supõem que a escolha de Adelaide não foi exatamente pelo princípio em si, mas foi uma escolha lógica pela própria natureza da documentação que tinha como elemento de destaque a agência emissora do documento. A sistemática da lista contava com notação mista de números, letras e “:” (dois pontos).

Como todos os documentos eram emitidos pela mesma secretaria, no caso, a de agricultura, os dígitos numéricos partiam da classificação do *Secretary of Agriculture, Office* AG 2. Um ótimo exemplo a ser observado é : *Report of Commissioner of Patents, showing the operations during the year 1841*. (Henry L. Ellsworth.) 25 pp. - AG. 2 : 841. Este documento recebeu a classificação de AG 2 : 841, sendo AG 2 – Annual Reports do *Secretary of Agriculture*,

Office e separado pelos “:” (dois pontos), seguem os três últimos dígitos do ano correspondente. Não havia preocupação com relação a documentos possuindo os mesmos números de classificação pois apenas relatórios elaborados pelo secretário se enquadrariam neste item. Relatórios de outras divisões se enquadrariam nas respectivas classificações. (HASSE, 1896)

Em 1904 foi publicado o *List of publications of the agriculture department: 1862 - 1902 with index*, que apesar de ter sido publicado como responsabilidade do Superintendente de Documentos, os créditos de desenvolvimento foram concedidos a ela legitimamente (BECK, 2006). Aquele foi o início de outros muitos índices, divididos por estados e áreas específicas, que seriam publicados mais tarde.

4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O *List of publications of the U.S department of agriculture from 1841 to june 30th 1895, inclusive* foi o predecessor do que hoje é conhecido como *U.S. Superintendent of Documents Classification* (SuDoc).

Apesar de muitos apagamentos a respeito de trabalhos de classificação realizados e registrados por Hasse, ela é reconhecida pelo seu pioneirismo na atuação como um tipo de bibliotecária documentalista do *U.S Government Printing Office*. Adelaide conseguiu atentar às especificidades do conjunto documental a organizar, anos antes da consolidação das discussões sobre documentação. Também é conhecida pela sua coragem em tornar público o assédio sofrido por conta da conduta de Melvil Dewey, ainda que, na época, tenha sido silenciada.

O trabalho pródigo de Hasse pode ser conhecido por meio de publicações – algumas citadas neste texto – que contam sua trajetória profissional de modo mais geral. Suas concepções sobre bibliografias, classificação e tratamento de documentos podem ser vislumbradas em algumas publicações de sua própria autoria como *Women in Libraries*, 1917, e *The compensations of librarianship*, 1919. Mas a completude de suas contribuições técnicas, metodológicas e teóricas pode ser conhecida apenas a partir de uma profunda pesquisa documental, que vai compor a dissertação de mestrado.

Através do desenvolvimento de sistemas de classificação de documentos governamentais mais eficientes e da promoção da colaboração e compartilhamento de conhecimento, Hasse deixou um legado duradouro para a profissão bibliotecária. Suas

contribuições merecem ser reconhecidas e estudadas como parte importante da história, não somente da classificação bibliográfica, mas da biblioteconomia.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação**. Rio de Janeiro 1969.

BECK, C. **The new woman as librarian: the career of Adelaide Hasse**. Lanham, Maryland: Scarecrow Press, 2006. p. 367.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. *In*: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1., 1972, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT/ABDF, 1979. v.1, p.352-370.

DEWEY, M. A. **Tables and Index of the Decimal Classification and Relative index for arranging and Cataloging Libraries, Clippings, Notes, etc.** Boston: Library Bureau, 1894.

HASSE, A. R. **List of publications of the U.S department of agriculture from 1841 to June 30th 1895, inclusive**. Washington : Government Printing Office, 1896.

JAMDADE, M. *et al.* Library classification and its development: a study. **Review of Research**, [s.l.], v. 1, n. 12, p. 1-4, 2012.

LA MONTAGNE, L. E. **American library classification: with special reference to the Library of Congress**. Handen: The Shoe String Press, 1961.

NELSON, G. K; RICHARDSON, J. V. Adelaide Hasse and the early history of the **U.S.** Superintendent of Documents classification scheme. **Government Publications Review**, United States, v. 13, n.1, p. 79 - 96, 1986.

ORTEGA, C. D. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 14, n. spe, p. 59–79, 2009.

PIECADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

RANGANATHAN, S. R. **Philosophy of library classification**. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment For Library Science, 1951.

SALES, R. A Classificação de Livros de William Torrey Harris: influências de Bacon e Hegel nas classificações de biblioteca. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s. l.], v. 22, n. 50, p. 188–204, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p188>. Acesso em: 30 jun. 2023.